

Percepção Social da Indisciplina

Possíveis relações com a formação docente

Autora: Anderléia S. Damke¹

Co-autora: Mônica Aparecida de Macedo Golba²

RESUMO: Este trabalho aborda a percepção social dos professores sobre a indisciplina na escola, pensada como uma questão atrelada aos estudos sobre o pensamento dos professores. Inicialmente abordamos o conceito de indisciplina, partindo de uma leitura etimológica do termo disciplina e recorremos às concepções propostas por alguns teóricos desse assunto. Em seguida, exploramos algumas perspectivas teóricas sobre a percepção da indisciplina escolar, pensada como um processo de construção social que fala sobre a formação de professores. Ao final, articulamos questões sobre a percepção da indisciplina, a cultura escolar e a formação de professores, em que propomos repensar a formação dos professores em relação à indisciplina, articulada com a tarefa de reinventar a escola.

PALAVRAS-CHAVE: formação de professores; indisciplina; percepção social.

¹ Pedagoga, pesquisadora do CNPq e Mestranda em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Orientanda do Prof. Dr. Joe Garcia. E-mail: sotodamke@yahoo.com.br

² Pedagoga da Rede Estadual de Ensino, professora da Faculdade Univalle e Mestranda em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Orientanda do Prof. Dr. Joe Garcia. E-mail: monica_golba@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Apesar de existirem discussões na literatura educacional sobre a questão da indisciplina, o mesmo não ocorre com a questão da percepção dos professores sobre a indisciplina escolar. As expressões de indisciplina vêm aumentando e ganhando um espaço cada vez maior no âmbito educacional, principalmente a partir da década de 90, cujos autores pesquisados indicam que a indisciplina não se apresenta de forma estática, mas está cada vez mais criativa, causando inquietação aos docentes e muitos casos de abandono do magistério. Destacamos neste trabalho indagações que articulam o campo das investigações sobre a percepção social dos professores e os estudos sobre a indisciplina vivenciada no cotidiano escolar.

A literatura educacional apresenta várias leituras sobre a indisciplina, cujos autores que estudam a indisciplina apresentam um vago discurso no que se refere aos estudos sobre a percepção social dos professores acerca do tema vivenciado no contexto escolar (GARCIA, 2005; REBELO, 2002; XAVIER, 2002; ESTRELA, 1992; D' ANTOLA, 1989). A percepção dos professores, mesmo indiretamente abordada pelos autores, não está sendo vinculada aos estudos da percepção, o que nos leva a investigar a percepção social dos professores, desvendando como a indisciplina é percebida no cotidiano escolar.

Os estudos sobre indisciplina vêm ganhando amplitude na literatura educacional e nos últimos anos apresentam algumas indagações que têm redesenhado a amplitude das investigações. Nas últimas décadas o debate vem se deslocando da noção de indisciplina como uma singularidade indesejável manifestada na esfera das condutas dos alunos para a noção de indisciplina como algo socialmente construído nas escolas, onde também colaboram os processos de pensamento dos professores. Em complemento, os discursos sobre indisciplina vêm se modificando de tal forma que essa noção parece estar se distanciando da idéia de regulação e tentando se aproximar, finalmente, do sentido de educação.

Neste texto, analisamos algumas questões quanto à percepção social dos professores sobre indisciplina escolar. Inicialmente, discutimos a noção de indisciplina e mais adiante tratamos sobre a percepção social dos professores acerca da indisciplina escolar e as implicações da cultura escolar no processo da elaboração social da noção desse fenômeno.

1. CONCEITUANDO INDISCIPLINA

Apesar da indisciplina não ser novidade no contexto educacional, de algumas décadas para cá esse fenômeno está evoluindo nas escolas, como afirma Garcia (2000, p. 51) “mesmo à análise histórica das últimas décadas, apenas, revela um cenário no qual o ambiente das escolas está abrigando uma diversidade criativa de expressões de indisciplina”.

O conceito de indisciplina tem sido atrelado à noção de disciplina. A leitura etimológica elaborada por Garcia (2000, p. 51-52) sugere duas matrizes latinas associadas ao termo disciplina. De um lado o termo *discipulus*, originado do verbo *capere*, que descreve um indivíduo em situação de aprendizagem, que se apropria de algo que lhe é mostrado. Uma outra matriz seria o verbo *disco*, comumente traduzido por aprender ou tornar-se familiarizado.

Dessa raiz deriva o sentido de disciplina como seguir ou acompanhar. Ainda em Garcia (2000, p. 52-57) encontramos a idéia que, historicamente, a noção de disciplina vai se atrelar à noção medieval de castigo e punição e, apenas mais tarde, assume o sentido de ramo do conhecimento. No cenário das tantas mudanças da escola no século XVI, o conceito de disciplina vai estar fortemente associado à noção de controle sobre a conduta, contando com diversos aparatos tais como a avaliação educacional. Vemos então que a noção de indisciplina, como contraposição de disciplina, pode ser associada, por exemplo, aos sentidos de ausência de conhecimento ou de conduta contestatória ou divergente dos esquemas de controle social.

Entre os professores é recorrente a noção de indisciplina como negação da disciplina ou, segundo observa Estrela (1992, p. 17), como "desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo grupo". Mas de onde derivam tais regras? Segundo Estrela (1995, p. 65) é sobretudo o professor que produz e comunica normas sociais que julga necessárias para exercer sua ação pedagógica e, assim, prescreve determinadas posturas e regras a serem aceitas, muitas vezes sem a devida discussão com os alunos e sem que elas atendam suas expectativas e necessidades.

Também com base na interpretação dos professores, Fortuna (2002, p. 90) aponta a noção predominante de indisciplina como o não cumprimento de regras, como rebeldia contra qualquer regra construída e desrespeito aos princípios de convivência combinados sem uma justificativa viável, o que cria transtornos e dificuldades para a organização e relacionamento de acordo com as normas estabelecidas por um grupo.

Mas o conceito de indisciplina não se mostra estático na literatura educacional. Nesta, esse conceito vem se modificando, tal qual suas expressões na escola, que vêm se tornando mais complexas e criativas (GARCIA, 1999). Nesse cenário, poderíamos perguntar se estaria também se modificando a percepção dos professores sobre a indisciplina. E tais mudanças poderiam expressar relações com a cultura do ambiente escolar, constituindo novas formas de interpretações e construções sociais sobre as expressões de indisciplina.

No contexto escolar existem diversos fatores que podem ser relacionados às expressões de indisciplina, tais: o desempenho cognitivo dos alunos, suas formas de socialização e as condutas que exercem na escola (GARCIA, 1999). De um modo geral as expressões de indisciplina têm sido relacionadas a fatores internos ou externos à escola. Entre as razões internas estariam, por exemplo, as condições de ensino e aprendizagem, a natureza do currículo, as características dos alunos, aos modos de

relacionamento estabelecidos entre alunos e professores e o próprio sentido atrelado à escolarização. Entre os fatores externos destacam-se a violência social, a influência da mídia e o ambiente familiar dos alunos.

De um modo bastante amplo a indisciplina parece guardar relações com todo o cenário educacional e conjugar diversos atores em sua produção social. Aqui se destaca o papel da percepção dos professores, cujo estudo fornece uma perspectiva sobre o processo de construção social da indisciplina, que ao ser melhor compreendido deriva uma possibilidade de que ela seja desconstruída na escola.

A indisciplina, então, pode ser pensada também como uma elaboração dos professores, uma forma de conhecimento, um modo como eles definem certas situações sociais na escola e os próprios alunos (ROCHA, 2002). Tardif (2002) sugere que o processo de elaboração dos saberes sociais dos professores é indissociável de suas práticas, do modo como no cotidiano, eles são, fazem, pensam e se expressam. Assim, as práticas pedagógicas que os professores exercem diante dos eventos que entendem como indisciplina, ou de sujeitos que denominam indisciplinados, falam-nos sobre os modos de percepção que não apenas interpretam as ações dos alunos, por exemplo, mas que fundamentalmente interagem na construção social da indisciplina na escola.

2. A PERCEPÇÃO SOCIAL DOS PROFESSORES

A percepção social dos professores sobre a indisciplina escolar é um território com características a serem mapeadas na literatura educacional. De acordo com Garcia (2005) a concepção de indisciplina que predomina no discurso educacional expressa como são pensados os processos sociais que estariam na base da indisciplina. O processo de elaboração da construção social da indisciplina é complexo e depende do contexto onde está inserido. As crenças dos professores sobre indisciplina, por exemplo,

colaboram naquela construção, embora sejam instáveis, nem sempre qualificando de indisciplina eventos similares em contextos diferentes.

Os estudos de Berger (1997) contribuem com a discussão sobre a noção de construção social da indisciplina, que poderia ocorrer no cotidiano do professor que é continuamente reafirmado através da interação com os demais professores e alunos, com o qual aprende a construir socialmente os pensamentos de acordo com o ambiente cultural a que pertence. Neste caso, a noção de indisciplina pode fazer parte desta construção social, realizada no próprio ambiente escolar, anunciado por Garcia (2005) através dos esquemas de elaboração social e das crenças criadas na interação entre professores, alunos, contextos, regras e eventos.

A percepção social também pode ser entendida como uma forma pela qual as pessoas mantêm contato com o mundo em que vivem (ROCHA, 2002). A percepção necessita de diferentes ocasiões para se transformar em conhecimento e enquanto um processo ativo origina-se da relação entre sujeito e objeto. Assim, o que vai ser denominado indisciplina nas escolas, precisa ser pensado como uma construção social que ocorre através das interações entre professores e alunos, entre outros atores, em um ambiente cultural de interação, a escola, que significa um mundo que é significado também pela existência da indisciplina.

No ambiente escolar, o entendimento dos professores sobre as expressões de indisciplina acabam adquirindo várias conotações. Em uma pesquisa realizada por Oliveira (2002), a percepção de indisciplina entre professores engloba: não respeitar professores e colegas; não cumprir regras pré-estabelecidas; ser mal comportado; ser malcriado; perturbar o trabalho dos colegas e professores; fazer barulho; não permitir o bom funcionamento da aula; falar o tempo todo; provocar desordens; boicotar as aulas; faltar com pontualidade; rebeldia à autoridade e ofender os colegas e professores. O trabalho de Oliveira (2002) apresenta a indisciplina interpretada pelos professores segundo uma sinuosa leitura

comportamental. Assim, por exemplo, algumas expressões de barulho ou conversa são indisciplina, mas o silêncio não tende a ser pensado como tal. O silêncio dos alunos corresponde a expectativas e não expõe limites de formação.

A percepção sobre indisciplina poderia, assim, nos dizer sobre os valores, crenças, saberes e referências culturais dos professores. Tal percepção também nos fala sobre como os professores aprendem, pois como bem nos lembra Heller (2000), a percepção é aprendida. Na escola, os professores aprendem a perceber os alunos e a noção de indisciplina parece se destacar como uma atribuição recorrente que tenta significar contextos e sujeitos. Mas a indisciplina revelaria um atravessamento das fronteiras de valores e das habilidades e saberes do professor, além de estar expondo os limites da sua formação.

Dessa forma, a percepção dos professores sobre indisciplina escolar articula saberes já anteriores à formação inicial, bem como crenças, experiências e valores desenvolvidos ao longo da formação em serviço na escola. Os saberes docentes desenvolvidos ao longo dos anos de formação tanto orientam a percepção sobre os alunos e os eventos na escola, quanto as formas de intervenção pedagógica dos professores. Assim, a percepção social sobre indisciplina desenha percursos de formação percorridos e a percorrer no cotidiano escolar.

3. PERCEPÇÃO DA INDISCIPLINA E CULTURA ESCOLAR

A cultura escolar poderia sugerir que na dinâmica do funcionamento da escola, as idéias, os hábitos e as representações que os professores carregam e compartilham, comunicam os modos de pensar, perceber e desenvolver suas práticas, o que nos remete a uma construção social da indisciplina produzida no interior da escola, o que poderia caracterizar a percepção social da indisciplina.

Autores como Sacristán e Gómez (2000) contribuem com a discussão sobre percepção e cultura escolar, os quais sugerem

que nas interações sociais ocorre uma dinâmica cultural ao socializar conhecimentos, valores e expectativas com as quais as pessoas reconstróem suas interpretações sobre a realidade. Assim, ao mesmo tempo em que transformam a cultura, também são transformadas por ela. No cotidiano escolar, a dinâmica não é diferente, pois os professores interagem suas crenças, experiências e referências culturais que constituem em transformações, que poderiam produzir uma forma social de perceber a indisciplina, o que implica num modo de construir socialmente a indisciplina escolar.

Segundo Sacristán (2000) o desenvolvimento do ser humano no decorrer da evolução histórica o seu crescimento subjetivo e individual foi condicionado pela cultura, interações sociais e materiais ou, ainda, com o mundo físico e simbólico, ou seja, somos resultado da complexa história de intercâmbios e interações, em que os produtos formam a cultura e o meio natural de desenvolvimento do sujeito e da coletividade. As falas de Sacristán (2000) sobre a relação da cultura com as interações sociais reforçam nossa discussão sobre a percepção social dos professores, as quais podem ser construídas nas interações sociais com os atores desse cenário e com o contexto cultural firmado indiretamente no cotidiano escolar.

As pessoas aprendem através da cultura a compartilhar pensamentos, criando novos modos de pensar determinadas situações. Essa socialização de pensamentos pode constituir novas formas de interpretações e construções sociais a respeito dos acontecimentos cotidianos. O ambiente escolar representa ser um espaço onde os professores compartilham suas crenças, idéias, experiências e valores uns com os outros.

Cada instituição expressa a sua cultura que é perceptível no modo como os professores conduzem as atividades, organizam o espaço pedagógico e lidam com os alunos. Assim, as expressões de indisciplina reconhecidas pelos professores numa escola podem não representar indisciplina na outra, devido ao contexto cultural do

próprio ambiente. A percepção dos professores sinaliza culturas próprias do ambiente escolar, o qual expressa uma construção discursiva, ou seja, os professores poderiam aprender a pensar a indisciplina a partir das relações mantidas no âmbito escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho destacamos algumas questões articuladas no texto, buscando pensar a percepção social dos professores sobre a indisciplina como uma elaboração construída socialmente no interior escolar. Inicialmente destacamos que a indisciplina, pensada como algo construído socialmente na escola, reflete saberes, valores, crenças e práticas pedagógicas. A percepção social da indisciplina não é apenas uma forma de qualificar eventos, mas participa da sua gênese. As formas de percepção da indisciplina se atrelam às concepções de escola e podem sugerir uma cultura própria do ambiente.

Um outro aspecto a destacar se refere às implicações da leitura que os professores fazem da indisciplina. A percepção dos professores revela conotações, atribuições e intencionalidades de forma a produzir uma noção de indisciplina ao qualificar determinados eventos. Assim, é preciso considerar que as formas de percepção social dos professores sobre indisciplina refletem saberes, valores e práticas que persistem firmadas a determinadas noções de escola.

Por fim, argumentamos que a percepção social dos professores sobre a indisciplina poderia sinalizar uma construção social da noção de indisciplina que ocorre através das interações entre professores, alunos e o ambiente cultural. As atribuições que os mesmos fazem a respeito dos eventos de indisciplina podem refletir parte de seus saberes experiências, crenças e valores compartilhados no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

ESTRELA, M. T. Valores e normatividade do professor na sala de aula. **Revista de Educação**, Lisboa, v. 5, n. 1, p. 65-77, jun. 1995.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3. ed. Porto: LDA, 1992.

D'ANTOLA, A. (Org.). **Disciplina na escola**. São Paulo: EPU, 1989.

FORTUNA, T. Indisciplina escolar: da compreensão à intervenção. In: Xavier, M. L. (Org.). **Disciplina escolar: enfrentamentos e reflexões**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

GARCIA, J. A construção social da indisciplina na escola. In: SEMINÁRIO DE INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA, 1, Curitiba. **Atas**. Curitiba: UTP, 2005, p. 87-93.

GARCIA, J. **Interdisciplinaridade, tempo e currículo**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

OLIVEIRA, J. H. B. (In)disciplina na sala de aula: perspectiva de alunos e professores. **Psicologia, Educação e Cultura**, Lisboa, v. 6, n. 1, p. 69-99, 2002.

REBELO, R. A. **Indisciplina escolar**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ROCHA, M. R. M. **Crença, mito e verdade**. Barcelona, 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Facultad de Ciencias de la Educación, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2002.

SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELLOS, C. **Disciplina**. São Paulo: Libertad, 1995.

XAVIER, M. L. (Org.). **Disciplina na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2002.